

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO – WOMEN’S
FILM FESTIVAL
13 de novembro de 2023

NEBILE HANIM’IN SOLUCANDELIGI / 2016
(“O Buraco de Minhoca da Sra. Nebile”)

Um filme de Pinar Yorgancioglu

Realização, Montagem: Pinar Yorgancioglu / *Argumento:* Pinar Yorgancioglu, baseado numa história original de Nazli Eray / *Produção:* Aleksandra Todorovic, Nina Schwarz, Sarah Seulki Oh / *Gestão de Produção:* Maximilian Honle / *Design de Produção:* Alexander Timoshenko / *Direção de Fotografia:* Jonas Schneider / *Direção Artística:* Nina Schwarz / *Casting:* Juliane Voigtlander, Aleksandra Todorovic / *Design de Som:* Joseph Durniak / *Assistência à Montagem:* Kira Konig / *Interpretações:* Jale Arikan (Nebile), Tim Seyfi (Hakan), Judith Hoersch (Mareike), Yasar Cetin (Ismail), Selin Kavak (Gzin), Fatih Belen, Melih Belen / *Cópia:* DCP, a cores, falado em turco e alemão, com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 14 minutos / *Estreia Mundial:* 11 de outubro de 2016, Festival de Cinema de Varsóvia, Polónia / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

TOZ BEZI / 2015
(“Pano do Pó”)

Um filme de Ahu Öztürk

Realização, Argumento: Ahu Öztürk / *Direção de Fotografia:* Meryem Yavuz / *Montagem:* Ali Aga / *Som:* Mustafa Bölükbaşı / *Produção:* Çiğdem Mater, Nesra Gürbüz, Stefan Gieren / *Direção Artística:* Asli Dadak, Barış Yikilmaz / *Guarda-roupa:* Seda Yilmaz / *Interpretações:* Asiye Dinçsoy (Nesrin), Nazan Kesal (Hatun), Serra Yilmaz (Ayten), Didem Inselel (Asli), Mehmet Özgür (Şero), Ansel Yalin (Asmin), Yusuf Ancu (Oktay), Gökçe Yanardağ (Ferda) / *Cópia:* DCP, a cores, falado em turco, com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 99 minutos / *Estreia Mundial:* 25 de dezembro de 2015, Turquia / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Duração aproximada da projeção: 113 minutos.

Com a presença de Ahu Öztürk.

Uma mulher liberta uma gargalhada durante uma refeição familiar. Ninguém à mesa percebe o porquê de tão jubilosa manifestação. O espectador descobrirá, no decorrer da curta-metragem, que Nebile é uma espécie de “minhoca” ou “toupeira” nos tempos livres, quando as obrigações familiares, de boa fada do lar, lhe dão uma pequena folga. Um pouco como a personagem de Tim Robbins em **The Shawshank Redemption** (1994), ela vai gradualmente escavando sobre a parede de ligação à casa do lado. Não

se trata, por isso, propriamente de uma “fuga” para fora, mas de uma “fuga” para dentro, em concreto, mediante um túnel que lhe dará acesso ao apartamento do vizinho, um fotógrafo que leva, com a sua companheira, uma vida decerto menos condicionada por obrigações familiares. O que a mãe-de-família-toupeira procura é um “lado de lá” que sirva de contra-campo à prisão da vida familiar, uma “via” que lhe permita encontrar motivos para sorrir. É uma espécie de **Jeanne Dielman** (1976) da classe média turca a viver no sul da Alemanha, assinada pela realizadora trintenária Pinar Yorgancioglu, ainda a trabalhar exclusivamente com o formato da curta-metragem.

Inspirada pela vivência e história pessoal de uma prima, a realizadora curda Ahu Öztürk estreia-se, a solo, com um drama de vincada vertente realista, intitulado **Toz Bezi**. Obra, de coprodução alemã, multipremiada na Turquia, reveladora da condição de duas mulheres vivendo ou, melhor, sobrevivendo na zona asiática da cidade de Istambul. Ambas são curdas e trabalham como domésticas em casas da classe média turca, onde as diferenças de oportunidades na vida são notórias. Uma das mulheres apenas sonha mudar-se para o bairro onde trabalha. A outra, por sua vez, vive um drama pessoal e pungente: depois de uma discussão, o marido abandonou o leito familiar, deixando para trás a mulher e uma filha pequena.

A luta pela sobrevivência é o grande tema deste filme dramaturgicamente algo rebarbativo, que lembra o realismo britânico de um Ken Loach, temperado por uma atmosfera de tensão (será que o marido regressa? Será que as mulheres encontrarão um emprego melhor?) que nos pode remeter mais diretamente para o cinema romeno contemporâneo, em especial para os filmes de Cristi Mungiu. Mas Öztürk não extravasa, social e politicamente, muito para lá do retrato desadornado das duas mulheres como personagens ligadas por uma amizade, diria assim, quase heroica. É aí que este filme encontra alguma forma de redenção: ao desamparo de uma mulher corresponde a vontade de ajudar e de ser “como uma irmã” para a vizinha. É interessante que **Toz Bezi** se faça acompanhar da curta **Nebile Hanim’in solucandeligi**, pois, apesar da dureza da vida, ambos sugerem uma fuga – e uma forma de salvação – na porta ao lado.

Luís Mendonça